



**O ADOLESCENTE RESIGNIFICANDO SEU LUGAR NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA: O TEATRO DO OPRIMIDO COMO FERRAMENTA  
PSICOEDUCATIVA**

DOI: 10.5965/19843178912014123  
<http://dx.doi.org/10.5965/19843178912014123>

Antonio Carlos Barbosa da Silva<sup>1</sup>

Marina Coimbra Casadei Barbosa da Silva<sup>2</sup>

Cleyton Monteiro Nascimento<sup>3</sup>

*“A linguagem teatral é a linguagem humana  
por excelência, e a mais essencial”. (Boal, 2000)*

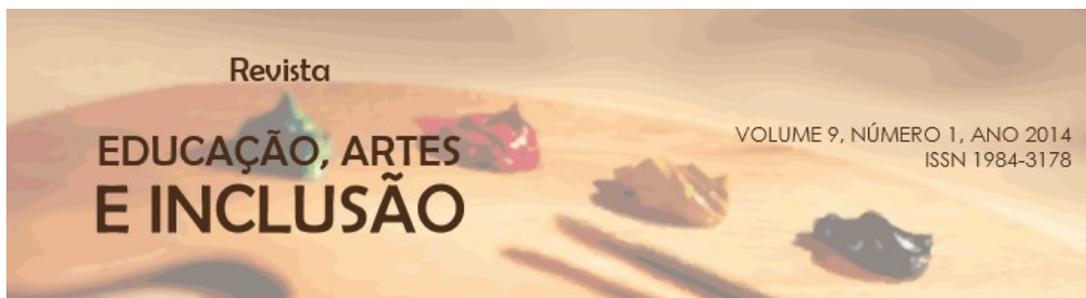
**RESUMO**

O presente artigo é um retrato teórico e prático de uma ação educativa não formal que teve como objetivo analisar as transformações sofridas por jovens em estado de vulnerabilidade social que participaram de debates sociais em uma modalidade do teatro do oprimido – o teatro-fórum. A técnica do teatro-fórum foi defendida como recurso metodológico capaz de **estabelecer um espaço crítico de ação/reflexão/ação sobre a realidade social vivenciada por estes jovens. Os debates postulados em algumas encenações teatrais foram analisados de forma crítica e pontuados a partir de referenciais teóricos (Bauman, Augé, Boal, Bock, Aguiar, Ozella). Concluímos que essa ação resignificou as problemáticas sociais (violência, envolvimento com drogas, hiperconsumismo, pobreza, capital cultural etc.) junto a esses jovens. De um modo geral, o jovem através de uma construção coletiva pôde vivenciar novos processos de subjetivação e se abrir para possíveis mudanças e transformações sociais críticas em sua vida.**

<sup>1</sup>professor do Departamento de psicologia evolutiva, social e escolar - Unesp – F.C.L. Assis – [tom@assis.unesp.br](mailto:tom@assis.unesp.br)

<sup>2</sup>mestranda em Educação – Unesp-Marília – [nina.casadei@hotmail.com](mailto:nina.casadei@hotmail.com)

<sup>3</sup>graduando em Psicologia - F.C.L.Assis- [psiconascimento@yahoo.com.br](mailto:psiconascimento@yahoo.com.br)



Palavras-chave: adolescência; subjetividade; teatro do oprimido;

## **The teenager redefining its place in contemporary society: The theatre of the oppressed as a tool psychoeducational**

### Abstract

This article is a theoretical and practical portrait of a non-formal educational activities aimed to examine the transformations experienced by young people in a state of social vulnerability participating in social discussions in a form of theater of the oppressed - the theater-forum. The technique of theater-forum was held as a methodology able to establish a critical space action / reflection / action on the social reality experienced by these young people. The discussions postulates in some theatrical performances were analyzed critically and scored from theoretical frameworks of contemporary thinkers (Bauman, Augé, Boal, Bock, Aguiar, Ozella). We conclude that this action re-signified social problems (violence, drug involvement, hyper-consumerism, poverty, cultural capital etc.) Among these young people. In general, the young through a collective construction could experience new processes of subjectivity and open to possible changes and social transformations criticism in your life.

Keywords: adolescence; subjectivity; theater of the oppressed;

### **I - Introdução**

#### **I. 1. Tudo que é sólido se desmancha no ar: a produção da subjetividade na contemporaneidade**

Partimos do lugar em que o sujeito é um produto sócio-histórico constituído a partir dos contatos estabelecidos com o mundo dos instrumentos materiais e com os fenômenos culturais que o cercam. Para se apropriar desse mundo, cabe ao homem experimentar e imprimir atividades que reproduzam os traços essenciais da cultura em que vive. Essas atividades ao serem reproduzidas são resignificadas e incorporadas ao mundo interno do homem. Esse processo dialético de experimentação, reprodução,



incorporação e resignificação dos elementos culturais possibilitam ao homem constituir um mundo próprio, singular e subjetivo.

O mundo subjetivo pode ser compreendido como um espaço íntimo individual através do qual o sujeito se relaciona com o mundo externo social. Essa interação resulta em impressões individuais, sentimentos, pensamentos e emoções que são resignificadas e colocadas no mundo para servir como base das relações interpessoais do sujeito. Dessa maneira os acontecimentos cotidianos (mundo externo) influenciam o mundo interno (subjetividade) do sujeito e vice-versa, em um processo contínuo que se pode chamar de processos subjetivação.

O cotidiano, referenciado pelo mundo contemporâneo, fomenta subjetividades marcadas pelas celeridades nas transformações tecnológicas e sociais. Enquanto as mudanças na área tecnológica permitem encurtar as comunicações, acelerar o desenvolvimento científico, aumentar a produção, as mudanças na área social criam processos de subjetivação que aumentam a distância entre os sujeitos.

A sociedade capitalista, disciplinadora e controladora exige certas posturas (normas de conduta, modismos, lances, padrões de pensamentos) que são reformuladas conforme as demandas econômicas e políticas. Na sociedade contemporânea as posturas mais valorizadas dizem respeito à competitividade, à ganância, ao hedonismo, à apologia à voluptuosidade, ao hiperconsumismo, ao hiperindividualismo, enquanto os valores éticos e estéticos relacionados ao mundo relacional e coletivo são colocados em segundo plano. O indivíduo usa suas aquisições financeiras e culturais para obter o máximo de prazer, mesmo que para isso tudo ao seu redor deva ser desprezado, destruído ou transformado para submeter aos novos tempos. Por isso a contemporaneidade é vista como a era da aniquilação e da transformação das instituições sólidas.



Essas transformações são tão céleres, intensas e profundas nas instituições,<sup>4</sup> que há um arsenal de circunstâncias na atualidade como as comunicações eletrônicas, a mobilidade, a flexibilidade, a fluidez, a relativização, os pequenos relatos (em oposição à metanarrativas da modernidade), a fragmentação, as rupturas de fronteiras e barreiras, as fusões e que dificultam o sujeito vivenciar profundamente quaisquer experiência. De um modo geral, essas instituições nem sempre são explicáveis, racionais, pois seguem o fluxo de uma sociedade que se transforma constantemente, ou nas palavras de Bauman (2005) se liquidifica.

Outrora as instituições/organizações que ofereciam as orientações de condutas e valores eram a família, a igreja, a escola, pois valorizavam tradições e apostavam na ciência, momentos do apogeu da modernidade, e tudo aquilo que era sólido, organizado, previsível, estruturado era visto como algo bom. Fora esses tempos e agora lidamos com a falência destas instituições. No lugar destas, ficam a mídia com seus marketings, ditando o consumo, moda estilo de vida, que se propagam na internet e nas redes sociais, e que se alteram constantemente, o que é contrário do que era enaltecido no momento anterior, cuja perenidade era uma qualidade. Augé (2005) afirma que os novos espaços contemporâneos não são vivenciados como antes, são lugares de passagens, onde não há tempo para efetivarmos fortes vínculos e reflexões, ou seja, a sociedade contemporânea é marcada pela fabricação de não lugares.<sup>5</sup>

Por tudo isso, a subjetividade contemporânea está sendo alterada por constantes movimentos, por desenvolvimentos tecnológicos em virtude da descontinuidade com a ordem das coisas precedentes. Há aceitação do fragmentado, do descontínuo e do

---

<sup>4</sup> Cabe lembrar que estamos falando de instituição enquanto processo de validação de regras e condutas e não de organização social (geralmente confundida com instituição) que é o lugar físico em que processas as normas institucionais.

<sup>5</sup> Na sociedade contemporânea os lugares – espaços antropológicos que robusteceram nossa história, identidade e relações humanas – vão se perdendo, desaparecendo, substituídos por não-lugares – espaços fugazes, descartáveis, materializados pela velocidade e pelo consumo, tais como as auto-estradas, supermercados, aeroportos, centros comerciais, fast-food e quiçá, alguns centros educativos. São estes os não-lugares que correspondem a um espaço físico, mas também à forma como os atores sociais aí se relacionam, correspondem a uma lógica funcional cuja preocupação é tornar cada vez mais rápida a movimentação da sociedade e a satisfação das necessidades.



caótico. Há mudança o tempo todo. Como descreve Bauman (2005), a sociedade atual é líquida, não para nunca, apenas flui conforme a velocidade de suas transformações.

Dessa forma, podemos indagar então, quais são as subjetividades produzidas neste turbilhão de mudanças dia após dia? Quais são as referências e os valores dos sujeitos contemporâneos?

Diante disso, pode-se afirmar que as algumas subjetividades hoje são desreferencializadas, tais como percepções sobre o sexo, o namoro, o trabalho, as relações interpessoais, as questões de cidadania e estrutura social. O homem contemporâneo ao tentar preencher seu vazio interior (já que não conta com as referências institucionais) com subjetividades que, por serem tão efêmeras, não conseguem estruturar uma identidade substancial. Assim a subjetividade afeiçoa-se a um nômade, por ser flexível, ajustável, sem fixação, mutante e não confere uma base para sustentar reflexões mais profundas sobre questões e circunstâncias que assolam a todos cotidianamente, isso acarretará em sujeitos a-críticos, conformados, sem compreender o seu espaço na sociedade e muitas vezes sem compreensão de si próprio. Enquanto o homem moderno tinha suas referências bem centradas nas organizações, o homem contemporâneo conta com orientações passageiras, que instruem apenas num determinado momento o que se deve ser feito, assim como num manual de instruções, que não se aplica a tudo, muito fracionado e multifacetado, deixando os sujeitos carentes de algo mais consistente e mais sólido, no sentido de certezas de alguns valores que permanecerão durante um tempo, possível de ser explorado, assimilado, compreendido e seguido. Porém, o que ocorre nos dias atuais é um fluxo de valores determinados pelas mudanças socioeconômicas. Paira no ar a insegurança. O homem contemporâneo lida com o medo do imprevisto o tempo todo. Sua identidade é fragmentada está presa a uma sociedade impiedosa, acelerada e produtora de subjetividades efêmeras.



## **I. 2. Juventude acelerada: a constituição da adolescência na contemporaneidade**

Diante de tantas mudanças os jovens, que ainda estão constituindo sua identidade a partir deste contexto sociocultural, parecem ser os indivíduos da camada populacional que mais sofrem com os processos de subjetivação da contemporaneidade.

“Os jovens, enquanto atores formados no cenário da contemporaneidade, são portadores privilegiados das tendências que aí se despontam. Sobre eles incidem radicalmente a experiência do tempo dado nos dias de hoje e as possibilidades de elaboração e resposta à crescente aceleração da vida, dentre outras condições dadas ao sujeito contemporâneo.” (BUCHIANERI, 2012, P.4).

No mundo contemporâneo os adolescentes carregam os saltos de uma geração para outra, o que fazem deles os representantes da intensificação das tendências que se despontam nesse mundo. Isso faz do adolescente a expressão do ritmo de vida, da plasticidade e multiplicidade, constituindo-se como um sujeito móvel no plano social.

Para Aguiar et al. (2001) a adolescência é uma etapa do desenvolvimento humano criada historicamente pelo homem, nas relações sociais, enquanto um fato, e passa a fazer parte da cultura enquanto significado. Portanto, a adolescência não é um período natural do desenvolvimento, e sim um momento significado e construído pelos homens, e, portanto, moldado pelos valores e estilo da sociedade vigente.

Segundo Vygotsky (1984) o indivíduo se constrói a partir do meio social no qual está inserido. Interagindo com os demais, o indivíduo participa ativamente tanto na construção e na transformação do ambiente social, como também na de si mesmo. Entende-se, portanto, que a natureza humana é, desde o início, essencialmente social, na medida em que ela se origina e se desenvolve na e pela atividade prática dos homens.

De um modo geral, a criação da adolescência foi uma medida necessária para resolver um problema social-econômico da recente ordem social industrial capitalista que se estabelecia no mundo ocidental. A sociedade tinha um problema a ser resolvido. Se por um lado a ciência e a tecnologia se desenvolviam, por outro havia a necessidade de construir uma mão-de-obra especializada para acompanhar este avanço. Assim, a



adolescência foi estabelecida como uma etapa de preparação do indivíduo para o mercado de trabalho.

### **I. 3. Adolescência e vulnerabilidade social na contemporaneidade: as marcas de uma sociedade líquida**

Como vimos até aqui, a adolescência (mesmo que artificialmente criada para atender a uma demanda de mercado) é uma etapa do desenvolvimento humano com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do sujeito. Ela pode ser interpretada como uma etapa construída pelos homens e associada a marcas do desenvolvimento social vigente. Essas marcas caracterizarão a adolescência enquanto fenômeno social resultante, principalmente, das demandas socioeconômicas e culturais.

Apesar dos avanços da estrutura socioeconômica nas sociedades ocidentais não há como sustentar a ideologia do sistema que afirma que tais avanços oferecem oportunidades trabalhistas iguais para todos. Nestas sociedades, o mercado de reserva de trabalhadores, arrasta trabalhadores e a criação de um contingente de desempregados, pobres e renegados à mercadologia leva grande parte da população e, principalmente, os mais jovens, que ainda nem entraram no mercado, a ficarem ao capricho das determinações da sociedade capitalista. Além disso, as instituições que foram consideradas como baluartes da era moderna<sup>6</sup>, (família, educação, saúde, religião etc.) que outrora eram lugares valores sólidos que orientavam, apoiavam, e, de certa forma, equacionavam os problemas psicossociais desse contingente de pessoas que não são privilegiadas economicamente na sociedade capitalista, hoje algumas dessas instituições se tornaram obsoletas, tal como a educação, que torna-se mercadológica e a família sobre com rearranjos constantemente. Diante de uma sociedade que valoriza as celeridades das transformações, o individualismo e a aniquilação dos sólidos em favor do provisório e do adaptável.

<sup>6</sup> Nosso posicionamento é que a era moderna acaba no século XX, com a dissolução da referência à razão como uma garantia de possibilidade de compreensão do mundo através de esquemas totalizantes. Há debates quando tratamos sobre as questões de modernidade ou pós-modernidade. Porém, compreendemos que vivemos agora num momento pós-moderno, que François Lyotard (2008) caracteriza como uma recorrência da morte das grandes narrativas totalizantes fundadas na crença no progresso e nos ideais iluministas de igualdade, liberdade e fraternidade.



São justamente aqueles que não conseguem participar desse jogo mercadológico que estão mais vulneráveis. As mudanças sociais que atçam o sujeito a ir além de seus limites. Atualmente o sujeito tem que ser mais, ser hiper - hiperconsumista, hiperindividualista e hipercompetitivo.

Como é sabido o indivíduo que tudo quer não consegue estabelecer mínimos laços com aquilo que tem, pois não consegue usufruir de prazeres de longo prazo. O prazer atual é efêmero, dura enquanto dura o marketing em cima da situação ou do produto. O indivíduo que necessita dessa busca constante está mais vulnerável às agruras do sistema. Está disposto a tudo, a se submeter a qualquer situação que o coloque na condição de hiper.

A vulnerabilidade aqui é compreendida como a condição de risco em que uma pessoa se encontra. Um conjunto de situações mais ou menos problemáticas, que situam a pessoa numa condição de carência cognitiva, financeira e psíquica, impossibilitando-a de responder com seus próprios recursos às demandas que a cerceiam e a afetam.

A vulnerabilidade retrata um estado de instabilidade. A vulnerabilidade social indica a possibilidade de algo ou alguém ter sua condição de vida, em relação à sociedade da qual faz parte desfigurada. Pode-se caracterizar a vulnerabilidade social com exemplos próprios da vida humana e seus relacionamentos. Desse modo, crises econômicas, recessão, desemprego, educação deficitária e precária, abandono e falta de cuidados com a infância, juventude e velhice, violência, carência de seguridade social, falta de política pública na área de saúde, constituem situações que tornam o viver comum, de qualquer ser humano, intensamente vulnerável.

Sem possuir essas características a grande parte da população, principalmente os jovens pobres e excluídos (que ainda estão num processo mais intenso de incorporação de subjetividades contemporâneas e fora do mercado de trabalho, que supostamente ofereceria as condições para vivenciar a vida contemporânea), não participam mais efetivamente da sociedade, quando a comparamos ao grupo de jovens mais abastados financeiramente e de adultos que já foram incorporados ao mercado de trabalho. Sua participação se resume à submissão ao subempregos e em acessos limitados à educação.



Este contexto cria uma aura de rebeldia e agressividade que servirá como subsídio aos jovens para responder às adversidades sociais que constelam seu universo.

Esse contexto se torna mais complicado se o analisarmos sob a ótica da realidade política, social e econômica brasileira, já que é comumente sabido que grande parte dos adolescentes brasileiros está em situação de vulnerabilidade social.

Para Kaztman (2001), as populações vulneráveis com relações precárias de trabalho, têm dificuldades para acumular capital social, seja: individual, coletivo ou cívico, esta dificuldade é expressa em níveis de qualidade de vida inferiores. Este contingente populacional é isolado das correntes predominantes da sociedade, quer seja pelo mercado de trabalho, pela sua localização no espaço geográfico ou ainda por uma baixa escolarização.

Em su sentido amplio la categoria de vulnerabilidad refleja dos condiciones: la de los “vulnerados”, que se assimila a la condición de pobreza es decir que ya padecen una carência efectiva que implica la imposibilidad actual de sostinimiento y desarrollo y una debilidad a futuro a partir de esta incapacidad y la de los “vulnerables” para quienes el deterioro de sus condiciones de vida no esta yamateralizado sino que aparece como una situación de alta probabilidad em um futuro cercano a partir de las condiciones de fragilidad que los afecte. (KATZAM, 2001, p. 04).

Segundo Ambramovay (2002), a vulnerabilidade social pode ser representada como um resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais econômicas culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores. Portanto, a vulnerabilidade social implica na falta de ativos materiais e emocionais que levam indivíduos ou grupos a sofrerem alterações bruscas em suas vidas.

A vulnerabilidade social se manifesta nos planos estrutural e subjetivo. No plano estrutural, é caracterizada por uma mobilidade descendente provocada por eventos socioeconômicos ou ao impedimento do acesso a insumos estratégicos e, no plano 131



subjetivo, pelo incremento de sentimentos de incerteza, insegurança, de não pertença a determinados grupos, de fragilidade individual.

Segundo Katzman (2001) os lugares vulneráveis são aqueles, nos quais os indivíduos enfrentam riscos e a impossibilidade de acesso a condições habitacionais, sanitárias, educacionais e trabalho e de participação e acesso diferencial a informação.

Diante de tudo isso, os jovens que sofrem vulnerabilidade social têm que criar estratégias para lutar contra situação tão adversa. A educação formal e não formal<sup>7</sup> pode contribuir com seus saberes para capacitar os jovens a lidar com tal situação.

### **O teatro do oprimido: uma ação que dá voz ao oprimido**

O teatro do oprimido é um método [teatral](#) que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pelo [teatrólogo Augusto Boal](#) nos anos de 1960. Os seus principais objetivos são a democratização dos meios de produção teatrais, e dar possibilidade para as pessoas de camadas sociais menos favorecidas culturalmente e financeiramente a transformar sua realidade através da dialógica.<sup>8</sup> O teatro do oprimido é uma técnica que trabalha o sujeito no sentido de capacitar o sujeito na lida das problemáticas psicossociais, além de ser uma ferramenta de trabalho político, social, ético e estético, contribuindo para a transformação social. Os jogos, exercícios teatrais procuram estimular a discussão e problematizar questões do dia-a-dia do sujeito, com o objetivo de fornecer uma maior reflexão sobre as relações de poder, através da exploração de histórias entre opressor e oprimido. Os jogos buscam também trabalhar o corpo, tornar o corpo expressivo, desenvolver aspectos necessários para a prática teatral, porém para

---

<sup>7</sup> A educação formal pode ser definida por todo sistema educativo institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado, que se estende da escola primária até a faculdade. A educação não-formal diz respeito a toda atividade organizada e sistematizada, realizada fora da estrutura formal de educação, para promover determinados tipos de aprendizagem, seja no plano cognitivo ou emocional.

<sup>8</sup> Podemos entender a dialógica como um ato da educação em comunhão, efetivado através do diálogo que o educador (problematizador) entre seu ato cognoscente e a cognoscibilidade dos educandos. A dialógica se dá a partir da noção de recepção/compreensão de uma enunciação o qual constitui um território comum entre o locutor e o locutário. Pode se dizer que os interlocutores ao colocarem a linguagem em relação frente um a outro produzem um movimento dialógico.



elementos de cunho mais técnico do teatro em si não foram o essencial para atingirmos nosso principal objetivo, que consiste em finalidades de debates e reflexões e desenvolver um espírito de alteridade no grupo, com a finalidade de sempre colocar-se no lugar do outro, para compreender os emaranhados sociais. Essa tem sido utilizado como um instrumento de educação não formal ao estabelecer temáticas sociais para a discussão coletiva. O Teatro do Oprimido parte do princípio de que a linguagem teatral é a linguagem humana que é usada por todas as pessoas no cotidiano. Sendo assim, todos podem desenvolvê-la e fazer teatro. Desta forma, o Teatro do Oprimido cria condições práticas para que o oprimido se aproprie dos meios de produzir teatro e assim amplie suas possibilidades de expressão. Além de estabelecer uma comunicação direta, ativa e propositiva entre espectadores e atores, também estimula também a criatividade, a capacidade crítica e uma maior visão política ao propor alternativas para lidar com as questões sociais que permeiam o cotidiano.

Dentro do sistema proposto por Boal, o treinamento do ator segue uma série de proposições que podem ser aplicadas em conjunto ou mesmo separadamente.

Cumpramos ressaltar que todas as técnicas pressupõem a criação de grupos, onde o Teatro do Oprimido terá sua aplicação.

De um modo geral, o teatro do oprimido como estratégia da educação não formal estimula a busca de uma consciência mais crítica, o desenvolvimento social, a criação artística e o acesso cultural aos sujeitos. Não é um teatro no qual o artista interpreta um papel de alguém que ele não é; é o teatro no qual cada um representa seu próprio papel, organizando e reorganizando sua vida a partir de um contexto que se apoia em elementos críticos e fundamentados teoricamente.

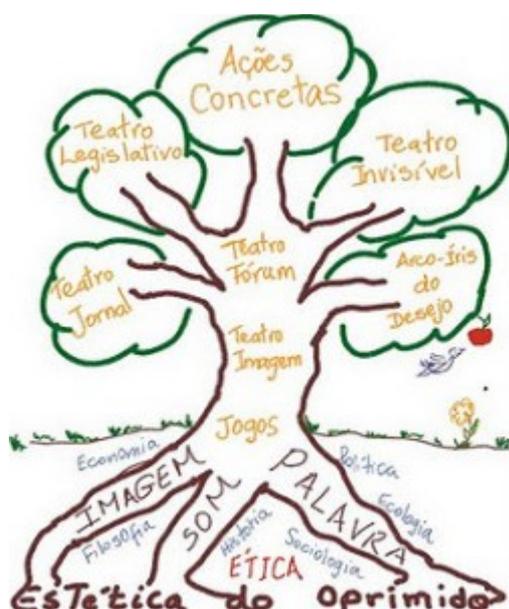
O teatro do oprimido é uma técnica que tem muitas ramificações, pois é muito rica em estratégias para atingir seus diversos objetivos. Nosso trabalho utilizou o teatro-fórum, que é uma das ramificações dessa ampla técnica. O “Teatro-Fórum” é uma técnica em que os atores representam uma cena até a apresentação do problema, e em

133



seguida propõem aos espectadores que mostrem, por meio da ação cênica, soluções para o então problema apresentado.

Na imagem a seguir ilustra as diversidades de ferramentas que há na técnica do teatro do oprimido:



(imagem retirada do site <http://oprima.wordpress.com/o-que-e-o-oprima/about/>)

A “Árvore do Teatro do Oprimido” é um recurso imagético importante para se perceber a pluralidade de técnicas e a riqueza do Teatro do Oprimido enquanto metodologia de libertação. Cada ramo da árvore do Teatro do Oprimido corresponde a uma técnica desenvolvida num período específico da vida de Boal, para suplantar limitações e tornar possível a transformação. Os jogos e exercícios de ativação sensorial e desmecanização do corpo, o teatro-imagem, o teatro-jornal, o teatro invisível, o arco-íris do desejo, o teatro-fórum e o teatro legislativo são parte do tronco e dos ramos desta árvore e cada um serve funções concretas. A multiplicação, representada pelo pássaro (as pessoas que usam o Teatro do Oprimido e o disseminam) são a estratégia de difusão. A ética e a solidariedade são os seus fundamentos e guias, e nas suas raízes estão várias formas de conhecimento, como a filosofia, a história, a política ou a sociologia... A



seiva que alimenta a “árvore do Teatro do Oprimido” é a Estética do Oprimido e no seu topo temos a promoção de ações sociais concretas e continuadas – a transformação da realidade (JOANA CRUZ, 2014).

Os pressupostos conceituais do teatro do oprimido giram em torno de cultura, cidadania e opressão que transvestem uma sociedade dividida em classes sociais. O teatro do oprimido é um movimento teatral e uma ação pedagógica que mobiliza a resistência. O oprimido através da ação teatral ganha voz, posta identidades e assume sua individualidade.

O teatro do oprimido tem como preocupação básica atentar e lutar contra os mecanismos de opressão que atingem boa parte da população. As encenações são traduções feitas pelos participantes sobre os problemas cotidianamente vividos pelo povo. Essas traduções serão debatidas, analisadas, refutadas ou reinterpretadas. Daí nasce o teatro-fórum, onde a barreira entre palco e platéia é destruída e o diálogo implementado. No confronto, o oprimido é questionado e o público é estimulado, pelo coringa (o facilitador do teatro-fórum), a entrar em cena, substituir o protagonista (o oprimido) e analisar criticamente a situação e buscar alternativas para o problema encenado.

Segundo Boal (2005), o teatro-fórum consiste na montagem e apresentação de uma peça teatral baseada nos problemas vivenciados pelos participantes e levada à discussão pública. A plateia participa diretamente da cena, substituindo a personagem oprimida e propondo alternativas de ação. A intervenção caminha no sentido de desenvolver um aprendizado coletivo e construir o teatro como instrumento de participação e transformação social.

O teatro-fórum constitui-se em um instrumento facilitador da discussão dos problemas sociais e, portanto, na intenção clara de resolvê-los.

Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados. (...) Arte e Estética são instrumentos de libertação (BOAL, 2000, p. 19).



O coringa é personagem primordial no teatro-fórum. É ele que coordena o grupo, narra a cena e provoca os espectadores e atores a se envolverem na encenação. O coringa evita todo o tipo de manipulação e de indução do espectador, não decide nada por conta própria, enuncia as regras do jogo e incentiva a participação da plateia na reflexão conjunta com os atores do espetáculo do teatro-fórum. Exercendo uma função didática, o coringa, assume o papel de mediador. Ele pode interromper uma ação do ator e do espectador quando verificar que as soluções propostas para o jogo são fantasiosas e a-críticas. Nesses casos, o coringa, deverá estimular os espectadores a encontrar a soluções mais ativas na luta contra as formas de opressão social.

O espectador é incentivado a interromper a cena observada, sempre que julgar incoerentes, irreais, mistificadoras, ineficientes ou idealistas as soluções vistas em cena, situando-se este teatro, portanto, nos limites entre ficção e realidade, e o espectador entre pessoa e personagem. Nesse teatro, o indivíduo representa o seu próprio papel, analisa suas próprias ações, questiona e reorganiza a sua vida dentro de uma nova visão de mundo.

Existem muitas formas e estilos em teatro, e todas são boas e ótimas, mas todas têm igualmente suas limitações: o Teatro-Fórum se aplica ao estudo de situações sociais bem claras e definidas (...). As soluções propostas pelo protagonista dentro da estrutura da peça que servirá de modelo ao debate-fórum devem conter pelo menos uma falha política ou social que deverá ser analisada durante a sessão de fórum. Estes erros devem ser expressos claramente, e cuidadosamente ensaiados, em situações bem definidas. Isto acontece porque o Teatro-Fórum não é teatro-propaganda, não é o velho teatro didático; ao contrário, é pedagógico, no sentido de que todos aprendemos juntos, atores e plateia. (BOAL,2000, p. 28)

Há nesta proposta uma estreita cumplicidade com a plateia é esta relação que possibilita um rico debate sobre a situação de opressão e as possibilidades de mudança desta situação. Neste jogo teatral, o objetivo não é ganhar ou perder, mas sim proporcionar aos participantes a aprendizagem no e com grupo. É importante destacar também que, nesta técnica, os participantes começam a conhecer o arsenal dos



opressores e as possíveis táticas e estratégias dos oprimidos. O fórum retrata uma maneira de aprendermos uns com os outros. Enfim, este jogo impulsiona todos a refletirem e agirem em relação às situações de opressão que se fazem presentes no cotidiano.

## **II. Explanando a intervenção: a práxis em si**

### **II. 1. Arte de dirigir o espírito na investigação: objetivos e metodologia**

Uma intervenção que busca o compromisso social de transformar os saberes, que normalmente são naturalizados por uma estrutura socioeconômica, e que visa capacitar o sujeito para lidar com a vulnerabilidade social que o assola, deve, necessariamente, criar estratégias que revejam e reflitam sobre a influência do mundo externo sobre os processos subjetivos do sujeito.

Nossas ações tiveram como objetivo estabelecer uma práxis de ação/reflexão/ação sobre a realidade social vivenciada por um grupo de jovens em estado de vulnerabilidade. Através da encenação e reflexão em cima de temáticas vinculadas a vulnerabilidade social, tais como, violência urbana e doméstica, relações parentais, banalização do sexo, exploração do trabalho, drogadição, exploração, violência urbana e doméstica, desemprego etc, possibilitamos aos jovens a reconstrução de seus processos subjetivos e elucubração de novas respostas que deveriam ser dirigidas a um mundo tão desigual.

**A utilização do teatro-fórum nos pareceu o melhor instrumento para viabilizar a construção de um sujeito crítico e com capacidade de criar novas subjetividades para rearticular sua realidade. Portanto, a** montagem de peças de teatro-fórum (modalidade mais praticada entre as técnicas do teatro do oprimido) para lidar com adolescentes que enfrentam problemas sociais pareceu ser uma estratégia crítica e eficaz, além de enfatizar uma práxis vinculada à transformação social.



## II. 2. Encontros pertinentes: explicando nossos procedimentos junto ao grupo

A intervenção aconteceu entre o mês de março até dezembro de 2010 junto a um grupo de jovens (cerca de 15 pessoas), de uma instituição educativa (não formal), que cumpriam medidas socioeducativas. Os encontros ocorreram semanalmente, por duas horas em média, durante cerca de dez meses.

Esses encontros denominados por nós de oficinas consistiam em desenvolver junto com o grupo de adolescentes reflexões sociais que fossem proferidas no teatro-fórum. Os espectadores (o grupo era dividido em atores e espectadores) eram convidados a entrar em cena e a atuar teatralmente, não apenas usando a palavra, mas revelando seus pensamentos, desejos e estratégias físicas. Durante as oficinas as temáticas sociais eram trabalhadas através de técnicas de improvisação corporal, expressões sem o uso da fala, confecção de cartazes, formação rodas de conversa e exibição de vídeos e músicas e relacionados às situações de vulnerabilidade social que envolvia o grupo. Após o encerramento das reflexões sobre uma determinada temática, era realizada uma nova encenação que abordasse àquela temática trabalhada naquele momento para visualizarmos a mudança de opinião e de postura frente à temática que fora debatida. Ou seja, era preciso conhecermos as convicções e posturas dos atores e dos espectadores antes dos debates sobre quaisquer temáticas, e posteriormente, chamar o grupo para reflexão sobre aquele tema, para reinterpretá-lo e ressignificá-lo. Para que isso fosse possível, havia primeiramente a encenação do grupo sem a realização dos debates, e posteriormente, depois de debatido sobre o tema, a encenação tomava um corpo mais crítico e com novas posturas por parte e todos os envolvidos. Desse modo, muitas vezes o espectador em um segundo momento tornava-se ator e vice-versa.



### **III. Resultados e Conclusões: o resgate teórico nos pormenores de nossa prática**

#### **III. 1. Estratégias educativas não formais na recondução do pensar crítico: O teatro-fórum resignificando os processos de subjetivação do adolescente**

De um modo geral, o teatro-fórum utilizado nesse trabalho foi um ato que buscou criar condições reflexivas junto aos adolescentes com a intenção de capacitá-los a lidar de forma crítica com as situações de vulnerabilidade social que os importunavam.

As atividades ocorreram em salas de atividades da instituição que os adolescentes tinham que comparecer semanalmente para cumprir as medidas socioeducativas. Essas salas eram semelhantes a salas de aula de uma escola tradicional.

Para iniciar o trabalho posicionávamos as cadeiras em círculo, tornando o ambiente mais propício à realização dos exercícios, dos jogos, dos ensaios e mesmo das apresentações, além de torná-lo mais condizente com a proposta dialógica do teatro-fórum.

A encenação e reflexão em cima de temáticas vinculadas à vulnerabilidade social, tais como, violência urbana e doméstica, relações parentais, banalização do sexo, exploração do trabalho, drogadição, exploração, desemprego etc., eram feitas pelos atores (àqueles que se propunham a serem os interpretes e encenar sobre a temática escolhida), mas a palavra final (conclusão do debate) era dada pelo público (formado pelo restante do grupo de adolescentes). A ideia era que o ator e espectador fossem ativos. Na encenação, as formas sutis ou declaradas de dominação e exclusão postadas pela sociedade eram encenadas, questionadas e reinterpretadas, proporcionando ao sujeito outras maneiras de ver o mundo e suas relações sociais.

Essa forma de trabalho no início causou certa estranheza ao grupo de adolescentes, já que este não estava acostumado a dialogar e ter grande liberdade em outras atividades desenvolvidas na instituição em que cumpria medidas sócio-educativas.



O “coringa” (àquele personagem que é ator e mediador, que narra a cena e provoca os espectadores a se envolverem com a peça) era, no caso de nossa pesquisa, um estagiário do curso de psicologia que desenvolvia esse trabalho, sob orientações e supervisões semanais.

Nos primeiros encontros refletimos sobre a concepção que cada participante tinha de si, associando essa concepção aos valores e preconceitos sociais estigmatizantes.

Nos outros encontros tratamos de temáticas sociais que geralmente são tratadas pela sociedade de forma limitada, pois estamos vivenciando uma era em que a celeridade para resolver as pendengas é notória. A violência, o uso de drogas, gravidez precoce, consumismo, desemprego, namoro e educação precária forma discutidos em suas nuances e aprofundados para se verificar os discursos ideológicos que estavam ocultos neles. Os diálogos dos adolescentes começaram a versar de forma mais crítica ou pelo menos mais elaborada e não apenas de formas pragmáticas. Assim, a discussão sobre a possibilidade de descriminalização das drogas, o submundo das drogas, a possibilidade de descriminalizar o aborto, a violência gerada a partir de sua vinculação com o sistema econômico (a indústria das armas, da segurança). Começávamos a sentir que os diálogos ganhavam densidade em termos racionais e críticos. Os adolescentes já conseguiam distinguir os discursos que caracterizavam o opressor e o oprimido.

Ao longo do processo os adolescentes foram se envolvendo mais nas montagens das encenações e representavam de forma mais natural os papéis que viviam em seu cotidiano. Isso possibilitou ao coringa provocar mais debates e cobrar dos participantes (atores e espectador/plateia) uma postura mais crítica e responsável frente às demandas sociais, uma vez que o grupo no início das atividades insistia em desconsiderar as questões históricas, políticas e econômicas como componentes de tais demandas.

Em nossas encenações instigávamos os sujeitos a romper com os processos naturalizantes de sua condição social, mostrando que a vulnerabilidade social é criada por uma ordem socioeconômica desestruturante, na qual os mais frágeis serão dominados e colocados num segundo plano. Para mudar essa condição executávamos



exercícios psicológicos (tais como dinâmica de grupo, debates dialógicos, exercícios de relaxamento, etc.) que fortalecia o grupo psíquica e cognitivamente e o preparava para responder as injustiças sociais que ocorriam no mundo externo. As atividades de colagens, que envolviam pesquisas em revistas (análise de fotos e leitura de artigos), a apresentação de filmes, a improvisação corporal, a confecção de cartazes, formação rodas de conversa e exibição de vídeos e músicas e relacionados às situações de vulnerabilidade social serviam como atividades complementares ao teatro-fórum e enriqueciam a incorporação de elementos críticos ao grupo.

Com esses atos, o processo de subjetivação que perpassavam pelos adolescentes era questionado, resignificado e utilizado para lidar com as problemáticas que envolviam a vulnerabilidade social. Essa era uma forma de conquistar novos saberes que fortalecia o sujeito para repensar o mundo exterior opressivo e criar condições favoráveis para levá-lo à sua transformação pessoal, política e social.

Durante as encenações algumas discussões pairavam sobre o papel da educação na sociedade contemporânea. Mostrávamos aos adolescentes que apesar da educação ser ideológica e responder aos apelos do neoliberalismo (ou seja, hoje a educação é técnica e menos reflexiva, pois há a necessidade de uma formação mais rápida e mais tecnológica para atender as demandas do capital) é através dela que temos um acesso, ainda que restrito, ao capital cultural. Somente com esse capital é que podemos nos fortalecer racionalmente e reinterpretar o mundo. Com essas ações construíamos ferramentas cognitivas e psíquicas para o desenvolvimento mais participativo do sujeito em sua sociedade e os munia de materiais para encontrar suas próprias soluções para seus problemas sociais.

Com esta modalidade tínhamos como princípio transformar o espectador em protagonista da ação teatral e tentar, através dessa transformação, reinterpretar a sociedade, mostrando que essa fomenta a desigualdade e postula valores destrutivos que devem ser revistos e denunciados.

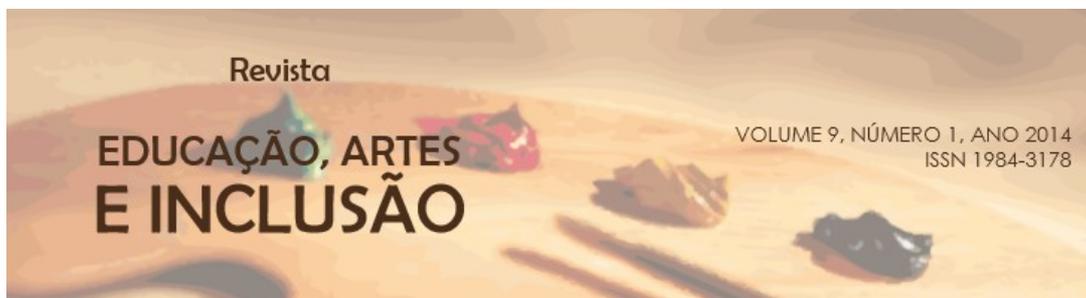


Assim, nas encenações os adolescentes se sentiam cada vez mais à vontade para debater suas subjetividades negativas, tais como seus atos de violência, suas hipocrisias nas relações interpessoais, o uso da opressão física e mental na relação com sujeitos mais frágeis etc. Para ilustrar esses debates, em uma atividade, os adolescentes retrataram as consequências que o uso indiscriminado das drogas podem causar a suas famílias e assim foi possível perceber que os elementos que usavam no debate eram aqueles propagados pela mídia – limitados, preconceituosos e pouco reflexivos, os quais conseguimos rebater com elementos mais críticos. Em outra atividade, os adolescentes se emocionaram quando trataram da hipocrisia que os envolvia no convívio com os outros (geralmente, atentando para o pouco afeto que existia nessas relações). Acusaram a sociedade de ser hiperindividualizante e hedonista, na qual o que vale é a ascensão social e a obtenção de prazer a qualquer custo, enquanto a integração social seria algo menor, desvalorizado por seu mundo contemporâneo.

Com essas reflexões construíamos possibilidades de incorporação de novos discursos e práticas voltadas para o desenvolvimento relações mais igualitárias – um ganho no desenvolvimento dos processos subjetivos dos adolescentes. As considerações expressas através dessa modalidade demonstrava que no geral os adolescentes no teatro-fórum estreitavam os relacionamentos interpessoais e adotam uma postura crítica frente à opressão das instituições sociais (família, polícia, escola, emprego, mídia).

No que tange aos comportamentos relativos ao contexto (família, escola e amigos), os adolescentes puderam reconhecer que agem de formas diferenciadas e que muitas vezes se sentem mascarados por conta do meio em que vivem e que tentam não ser capturados por estes contextos. As reflexões em cima dessas questões evidenciaram aos adolescentes que eles agiam de forma cristalizada, seguindo orientações sociais ideológicas.

Este grupo específico se mostrou de forma bastante positiva no que se refere aos debates proferidos no teatro-fórum. Entretanto, notamos que, por se tratar de um grupo que era avaliado constantemente, já que cumpriam medidas sócio-educativas,



pelos técnicos da instituição, evitavam confrontos diretos de opiniões com os outros atores e/ou espectadores.

Através da nossa ação educativa procuramos incorporar princípios flexíveis capazes de contemplar as particularidades pessoais e culturais, escolares e sociais, tendo como alvo os processos de desenvolvimento, personalização, socialização, humanização e produção de novas subjetividades.

No ambiente formal das reuniões, nem sempre as pessoas se sentem desinibidas para se manifestarem, o que prejudica a discussão de temas importantes. Dessa forma, a informalidade do teatro, das técnicas teatrais, foi uma potencial forma de incrementar as discussões, pois os participantes se sentiam menos intimidados para expressarem suas reais expectativas e impressões sobre os temas abordados, como sexto, dinheiro, família, namoro, religião, etc. Na vida cotidiana, observamos situações de opressão, discriminação e preconceitos não discutidos e, muitas vezes não resolvidos, podem ser resgatados, reelaborados e compreendidos na encenação.

A técnica do teatro-fórum, empregada como um método educativo dialógico, proporcionou uma maior compreensão e participação ativa desse grupo de “renegados”, “excluídos” do sistema e possibilitou a construção de novos discursos para lidar com uma sociedade que estigmatiza, aliena, exclui e ignora.

De um modo geral, nossa intervenção serviu para o sujeito singular se expor num espaço coletivo, ou seja, cada um se reconhecia em sua individualidade ao expressar suas próprias opiniões e pensamentos para um grupo, definido pelo teatro fórum, onde ele pôde elaborar novos elementos subjetivos e conceber novas respostas para a situação de vulnerabilidade social que o assolava. Além disso, o sujeito pôde buscar novas oportunidades, se abrir para possíveis mudanças e transformações sociais.

Com as encenações do teatro-fórum os adolescentes apreenderam que não precisam se às ideais impostas pelo sistema capitalista ou pela estrutura de pensamento

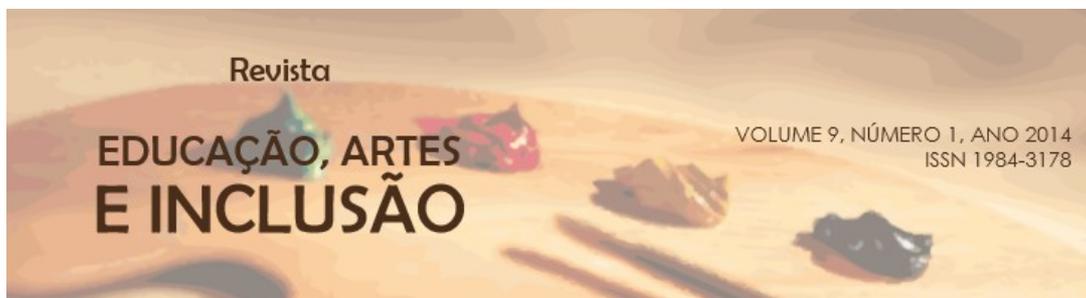


da pós-modernidade, mas que podem ressignificar os processos de subjetivação que lhes são enviados, e serem a partir de então impávidos, autodeterminados e abertos a novas significações em suas relações com as realidades externas.

Durante as atividades teatrais observamos a importância do diálogo na construção das encenações e na elaboração de novos processos subjetivos. Com os diálogos surgidos durante as encenações teatrais e dos exercícios psicológicos, como as dinâmicas de grupos, (quebra-gelos), grupos de reflexões, os adolescentes compreenderam, na prática, ouvir o outro, respeitar as opiniões diferentes e criticar de forma construtiva.

(...) o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p.79).

Com esse trabalho entendemos que o compromisso de desenvolver estratégias educativas deve ser um ato político que desvele os preconceitos, as opressões, as discriminações e as falácias ideológicas que estão ocultas nas situações de vulnerabilidade social. Esse trabalho nos mostrou que é possível produzir de forma crítica e coletiva novos processos de subjetivação que irão ancorar os adolescentes em sua lida com as situações de vulnerabilidade social e na transformação de sua realidade.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, M. J. A; BOCK, A. M. B; OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B;

AUGÉ, M. **Não-lugares**. Lisboa: 90°, 2005.

AMBROMOWAY, Miriam, et al. Juventude, violência e Vulnerabilidade Social na América Latina; desafios para políticas públicas. Brasília. **UNESCO. BID**. 2002. 192 p.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 3ª Ed. rev. . e ampliada, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2000.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 7ª Ed. rev. e ampliada, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOCK, A. M. B; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. Adolescência: tornar-se jovem. In:

\_\_\_\_\_. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

cap. 20. p. 290-306.

BUCHIANERI, L.G.C. **Velocidade e tédio: o paradoxo da adolescência no mundo contemporâneo**, Assis, S.P. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP, 2012, 119 f.



FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOANA CRUZ, in <http://oprima.wordpress.com/o-que-e-o-oprime/about/>, 2014, acessado em 04/05/2014.

KAZTMAN, Ruben. Seducidos y abandonados: el aislamiento Social de los pobres urbanos. **CEPAL**, nº75, Dez/2001.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.